



## A<sup>3</sup>P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

ESCOLA POLYTECHNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA  
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ – ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A<sup>3</sup>P – nº 179 – junho de 2014

Largo de São Francisco de Paula – nº 01 – Centro – Rio de Janeiro – CEP 20051-070

Tel: (21) 2221-2936

Site: [www.a3p.poli.ufrj.br](http://www.a3p.poli.ufrj.br)

e-mail: [a3p@poli.ufrj.br](mailto:a3p@poli.ufrj.br)

### ESCOLA POLITÉCNICA TEM NOVO DIRETOR

NO dia 17 de Março tomou posse como novo diretor da Escola Politécnica, o professor João Carlos Basílio. Na cerimônia, o professor discursou citando as razões que o motivaram a aceitar o desafio de ser o novo diretor e divulgou os próximos projetos para o desenvolvimento da Escola Politécnica.

Para exemplificar a responsabilidade de assumir o cargo de diretor da Poli, ele destacou a importância da história da Escola Politécnica por ser o berço da Engenharia Brasileira. “Somos a mais antiga instituição de ensino de Engenharia do Brasil e também das Américas, incluindo os Estados Unidos”, frisou.

Seguindo com o discurso, ele destacou o corpo de alunos, docentes e funcionários que integram a Escola e o desafio que é gerir uma instituição com esse porte. “O segundo motivo para aceitar ser o diretor da Poli foi, sem dúvida, o grande desafio que é ser diretor de uma instituição com mais de 5000 alunos, cerca de 220 professores e mais de 100 funcionários técnicos administrativos. Se olharmos a frieza dos números, temos nos nove blocos do centro de tecnologia, onde se espalham os departamentos, salas de aula e laboratórios da Poli, um contingente populacional de uma pequena cidade.”

O novo diretor teceu também elogios à antiga gestão da Escola, cuja Diretoria era ocupada pelo professor Erickson Almendra. Ele citou ainda a consolidação de projetos que começaram na administração anterior à do ex-diretor. “Eu

mesmo fui, naquela administração, o coordenador dos então embrionários projetos de intercâmbio de alunos com as escolas centrais francesas e com a Ecole Polytechnique da França. Ou seja, a Poli desfruta hoje da solidez em todos os setores que mencionamos anteriormente porque foram propostas no passado, novas metas, que foram ampliadas, estendidas e consolidadas nos oito últimos anos.”

O novo diretor não deixou de citar a importância da A<sup>3</sup>P para o fortalecimento da comunicação dos antigos e novos alunos. “A excelência passa ainda por saber onde estão os nossos ex-alunos. Temos conhecimento de que muitos deles exercem hoje cargos importantes em empresas nacionais e estrangeiras. Porém, oficialmente, perdemos o rastro desses alunos (...). Conto, portanto, com a A<sup>3</sup>P para fortalecer essa união entre a nossa escola e para servir de base para a criação de fundos patrimoniais que aumentem, ainda mais, a saúde financeira de nossa Escola e permitam financiar as nossas equipes.”

Para finalizar, o diretor João Basílio reforçou a missão da Escola Politécnica tanto no âmbito da universidade quanto para a sociedade brasileira. “Enganam-se aqueles que pensam que o ensino público é gratuito. Cada dirigente, cada professor, cada aluno, todos somos pagos pelo povo brasileiro. Temos que nos lembrar disso todos os dias de nossa vida. Somente por nossa dedicação e trabalho árduo é que conseguiremos retornar para a sociedade todo o investimento que é feito em nós.”

### A<sup>3</sup>P SE REÚNE COM NOVO DIRETOR DA POLI-UFRJ



O professor Basílio por ocasião de visita à sede da A<sup>3</sup>P em dezembro de 2013

A A<sup>3</sup>P se reuniu com o novo diretor da Escola Politécnica, João Carlos Basílio, no dia 14 de março, na sala da A<sup>3</sup>P, no prédio da Escola Politécnica na Cidade Universitária para tratar de alguns pontos importantes. Estavam presentes os engenheiros Heloi José Fernandes Moreira (presidente da A<sup>3</sup>P), Joaquim José De Mello Bastos (conselheiro da A<sup>3</sup>P), José Caetano Dos Prazeres (conselheiro da A<sup>3</sup>P), José Pines (diretor da A<sup>3</sup>P), Gilson Faissal (associado da A<sup>3</sup>P), Simion Arongaus (associado da A<sup>3</sup>P), Caio Souza (graduando de Engenharia Metalúrgica da Poli UFRJ) e Michel Tremarin

(graduando de Engenharia Naval da Poli UFRJ). Durante a reunião foram discutidas as seguintes pautas:

- Fomentar a identidade dos alunos com a Escola Politécnica de todos os tempos – O novo diretor se comprometeu a orientar as 14 coordenadorias da graduação a programar palestras da A<sup>3</sup>P, ao início dos seus respectivos cursos, sobre os desafios atuais da engenharia e da profissão de engenheiro. Manifestou ainda que a A<sup>3</sup>P deve se inspirar em entidades congêneres que mapeiam continuamente a trajetória profissional de seus graduados, sendo este um dos diferenciais que notabilizam as unidades universitárias nas principais universidades no mundo.

- Promover a participação da A<sup>3</sup>P nos programas de ensino da Escola Politécnica - Declarou o interesse de contar com a participação da A<sup>3</sup>P no programa de atividades da diretoria adjunta de ensino e cultura (DAEC) ministrando conteúdos temáticos de reconhecido interesse para formação humana e profissional dos graduandos, em complemento à sua formação acadêmica regular.

- Fomentar a participação dos graduandos na A<sup>3</sup>P - Destacou a importância de incorporar os graduandos nas atividades do plano de ações estratégicas da A<sup>3</sup>P, estimulando-os em sua adesão à associação, na qualidade de sócios-aspirantes. Sugeriu que essa incorporação ao quadro social da A<sup>3</sup>P pudesse ser gratuita, tal a importância de estimular o seu engajamento ao comprometimento com a Escola.

- Adequar a nomeação da A<sup>3</sup>P – Sugeriu que se promovesse uma atualização de sua nomeação, a exemplo, “A<sup>3</sup>P – Associação dos Engenheiros da Politécnica UFRJ”, dado o fato de que a A<sup>3</sup>P, no exercício de sua atribuição institucional, é mais do que uma associação de antigos alunos ou de ex-alunos, mas sim congrega profissionais que concluíram sua formação acadêmica na Escola, e mais os que aí exerceram ou exercem a atividade docente.
- Apoio institucional para a execução do plano de ações estratégicas da A<sup>3</sup>P - A direção da escola formalizou apoio

para cada ação específica do plano que requeira essa providência, apreciando de comum acordo o modo mais eficaz de realizá-lo.

- Suporte logístico da escola à A<sup>3</sup>P - Reconheceu o papel estratégico da A<sup>3</sup>P junto à Escola e a apoiará no que se apresentar como necessário para melhoria continuada de suas instalações físicas e operacionais. (Há um pleito apresentado na ocasião da reunião a ser formalizado pela A<sup>3</sup>P, qual seja a cessão de uma estação de trabalho completa para operar instalações da A<sup>3</sup>P local.

---

## EPISÓDIOS DA ENGENHARIA (E DA POLÍTICA) BRASILEIRA

*Flávio Miguez de Mello*

*Estes episódios já são livro. O lançamento desse livro foi em Curitiba no final de abril, durante a realização do IX Simpósio Sobre Pequenas e Médias Centrais Hidrelétricas, do CBDB, e no Rio de Janeiro, no dia 8 de Maio, no Clube de Engenharia num evento promovido pela Diretoria Técnica do Clube, em conjunto com o Comitê Brasileiro de Barragens, com a Academia Nacional de Engenharia, a Associação Brasileira de Mecânica dos Solos, e a A<sup>3</sup>P. Aqui no boletim continuamos a publicar os episódios.*

### POLÍTICO OU ARTISTA?

O professor Flavio H. Lyra, de invejável trajetória profissional como diretor de empresas de energia elétrica, consultor e presidente de associações técnicas, havia falecido. O Comitê Brasileiro de Barragens e Furnas Centrais Elétricas S.A. decidiram promover uma sessão em justa homenagem a esse expoente da engenharia brasileira. O presidente do Comitê, engenheiro Erton Carvalho, fez uma palestra técnica ao início da sessão. O diretor da Escola Politécnica, professor Heloi José Moreira, mostrou à plateia o desempenho do jovem Lyra como aluno aplicado desde o seu ingresso prematuro na Escola Politécnica. Fiquei encarregado de apresentar uma

palestra sobre a sua vida e a illustrei ricamente com imagens que remontaram à sua tenra infância. Creio que minha palestra tenha sido emocionante para todos os que privaram de sua amizade e competência. Certamente foi emocionante para a família e para mim também. Após o encerramento da sessão, no auditório do oitavo andar do prédio de Furnas, foi oferecido um coquetel no 16º andar. No caminho para o coquetel passei mal e fui atendido prontamente pela brigada de incêndio, que me levou para o ambulatório. Lá, para minha sorte, estava de plantão uma médica cardiologista. Depois dos primeiros exames e tratamentos, fui transferido para a emergência cardiológica do Hospital São José, que é dirigida pelo excelente médico Augusto César Neno e fica nas proximidades de Furnas. Várias pessoas que tinham participado da sessão notaram a minha ausência no coquetel e, sabendo da minha internação, foram para o hospital, que repentinamente foi invadido por uma grande orla dos participantes da sessão, além dos meus familiares, que foram chamados às pressas. O ambiente normalmente tranquilo do hospital havia se transformado. O enfermeiro que me atendia, muito simpático e curioso, me perguntou: “Nunca houve tanto tumulto por aqui. Quem é o senhor, um político influente ou um artista da Globo?”

---

### A ENE ERA ASSIM

*Eduardo Jorge Araujo da Silva (ENE 1961)*

Só quem já buscou a realização de um sonho poderá imaginar os vários desafios de se chegar à concretização desse tipo de quimera: a coletânea de depoimentos de diversas pessoas que viveram bons momentos, e agora publicá-los para que se perpetuem na eternidade...

O livro, escrito por mais de 30 autores em quase 50 crônicas, com o título sugerido por mim e aceito pelos demais colegas em um dos almoços mensais que realizamos desde 26 de junho de 1999, é uma tentativa de registro dos momentos que passamos na querida e inesquecível **ENE – Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil**, e também uma coletânea de lembranças das viagens que diversos grupos de colegas realizaram a vários países, ao término do curso e que comemoraram em 2012 o “primeiro” cinquentenário...

Por que “**A ENE ERA ASSIM?**” **ERA ASSIM**... porque seria impossível re-editarmos, nesta ocasião, a não ser neste livro, episódios de uma época áurea na vida de jovens alunos que sonhavam com suas futuras realizações profissionais, ao iniciar um curso superior escolhido dentre as várias opções que confundiam a cabeça dos que desejavam exercer uma profissão para realizarem seus projetos de vida... seria impossível, principalmente, porque aquele majestoso prédio do Largo de São Francisco não mais hospeda as centenárias salas de aula e laboratórios do nosso tempo, dos “jovens de ontem”.

Então, definimos como principal objetivo o de tentar contar, nessas próximas páginas, **COMO ERA A ENE** que nos marcou até os dias de hoje e continua a nos envolver de forma fraterna, até o fim de nossas existências, tanto nos tradicionais almoços mensais como nos eventos festivos de fim de ano, com a presença dos familiares.

Esperamos que aqueles momentos intensamente vividos na ENE sejam registrados novamente nas lembranças dos autores, pois hoje é aquele futuro que esperávamos acontecer, futuro agora presente...

Consideramos que ocasiões memoráveis não devam ficar restritas aos componentes de *uma turma*, pois já não existem as barreiras que separavam colegas nos currículos que deveríamos então cumprir... **A ENE É DE TODOS OS EX-ALUNOS, E TODOS TÊM BOAS ESTÓRIAS, QUE DEVEM FICAR REGISTRADAS NESTE RESUMO DE MEMÓRIAS**...E aqui estou para acrescentar aos meus afazeres o de acolher e coordenar a publicação das diversas visões do que aconteceu na ENE, merecendo nosso registro para a posteridade.

*Idealizador e editor de A ENE Era Assim, Eduardo nos forneceu este fragmento do intróito desse livro, do qual nosso Boletim pretende extrair artigos incentivando colegas a também fazerem seus relatos.*

As primeiras aplicações práticas da eletricidade em nosso país datam ainda do século passado. Em 1852, inaugurou-se o telégrafo elétrico, em 1857, houve no prédio da antiga Escola Central (Escola de Engenharia) no Rio de Janeiro a primeira experiência pública de iluminação elétrica, em 1873, inaugurou-se o cabo telegráfico submarino do Rio de Janeiro até Belém do Pará, e no ano seguinte até a Europa, e em 1878, houve a primeira experiência com um aparelho telefônico. Em 1879, inaugurou-se a primeira instalação permanente de iluminação elétrica na Estação da Corte (Rio de Janeiro) da então denominada estrada de ferro D. Pedro II, em 1873 foi a vez da primeira instalação de iluminação elétrica em vias públicas, na cidade de Campos, e no mesmo ano temos ainda a primeira pequena instalação hidroelétrica para a geração de energia, próximo a Diamantina (MG), para fins industriais. Em todas as aplicações até agora citadas a energia elétrica era produzida em geradores de corrente contínua, acionados quase todos por máquinas a vapor (com exceção da instalação de Diamantina) ou em pilhas, no caso de dos telégrafos e telefones. Em 1889, entrou em operação a primeira pequena Usina Hidroelétrica gerando energia para uso público, a usina “Marmelos Zero”, próximo a Juiz de Fora, e em 1892 inauguraram-se os bondes elétricos no Rio de Janeiro, primeira cidade brasileira a dispor desse melhoramento. Muitas dessas aplicações pioneiras da eletricidade no Brasil tiveram o incentivo pessoal e direto do imperador D. Pedro II, sempre interessado em todos os progressos científicos.

Apesar de todas experiências e aplicações pioneiras na maior parte do país e para a maior parte da população, a eletricidade e suas aplicações eram ainda completamente desconhecidas. Para algumas pessoas a eletricidade nada mais era do que um agente misterioso, capaz de proporcionar divertidas experiências e espetáculos de ilusionismo.

Por incrível que hoje em dia possa parecer, devido ao baixo consumo, não foram raros os anúncios e até verdadeiras campanhas publicitárias para incentivar a população a usar a eletricidade. Vimos, por exemplo, anúncios de 1902 no jornal “Estado de São Paulo”, proclamando os benefícios da energia elétrica, anúncios da década de 1910, da “Light” do Rio de Janeiro, descrevendo as vantagens do uso industrial e doméstico da eletricidade, e ainda nos anos 30 há anúncios similares, incentivando principalmente o consumo domiciliarem benefício do conforto. Em todo esse longo período, a oferta de energia elétrica no Brasil sempre foi maior do que o consumo. Como lembra o Engº Sebastião Penteado, para incentivar o uso da eletricidade, algumas empresas elétricas desses primeiros tempos tinham por hábito fornecer gratuitamente lâmpadas aos usuário, sendo entregue uma lâmpada nova mediante a apresentação de outra queimada. A “Central Elétrica de Rio Claro”, que servia a importante região no interior do estado de São Paulo, vendia ao público lâmpadas, isoladores, fusíveis, transformadores, motores, e até ferros elétricos e geladeiras, para incentivar o consumo de eletricidade.

O reduzido consumo era também devido ao desconhecimento da eletricidade por boa parte da população, principalmente população rural e das cidades pequenas, e até pelo medo que a eletricidade ainda causava a muita gente. O caráter invisível da eletricidade e os seus efeitos espetaculares de faíscas, choques, raios e trovões, sempre foram de natureza a atemorizar e

assustar, fazendo as pessoas relacionarem esses fenômenos com algo de mágico ou de sobrenatural. Nos primeiros tempos de uso da eletricidade, até a própria imprensa se encarregava de assustar a população com informações alarmantes, como a campanha promovida pelo “Diário de Minas”, em 1889, por ocasião da construção da usina “Marmelos Zero”. Foi preciso que Bernardo Mascarenhas, o idealizador da usina, entrasse na questão, esclarecendo ao público que “a eletricidade, como a alta pressão, pode causar a morte de quem tocar nos condutores quando estes estão descobertos, mas, quando colocados à altura suficiente e fora do alcance dos transeuntes, não vejo neles maior perigo do que nos trilhos das estradas de ferro ou em qualquer precipício”. E continuava dizendo, “está claro que a corrente elétrica há de matar muita gente, também a dinamite, o whiskey e uma porção de outras coisas matam gente”. Uma crônica de Oswald de Andrade, sobre a inauguração dos bondes elétricos em São Paulo dá conta desse medo generalizado da eletricidade, “um mistério esse negócio de eletricidade, ninguém sabia como era, como é que funcionava”. Dizia ele que tinha notícias “pelo pretinho lázaro, filho da cozinheira vinda do rio, que era muito perigoso essa eletricidade... quem pusesse os pés nos trilhos ficava grudado e seria esmagado fatalmente pelo bonde”. Os bondes elétricos quando foram inaugurados no Rio de Janeiro, também meteram medo à população, obrigando a concessionária a mandar pintar nos encostos dos bancos, avisos dizendo que “a corrente elétrica nenhum perigo oferece aos senhores passageiros”.

Os primeiros bondes da Cia. Carris de Ferro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, eram pintados de amarelo e causaram, de início, vários acidentes, ganhando por isso o apelido de “Perigo Amarelo”, em uma alusão ao Japão, que assustava muitos como uma potência emergente, depois da espetacular vitoriana guerra contra a Rússia em 1904.

Sobre esse assunto de medo das coisas elétricas, lembro-me quando criança, de pessoas mais velhas que se escondiam quando trovejava, e insistiam que não se tocasse em nenhum objeto metálico e se cobrissem os espelhos! Não sei porque os espelhos, não sei o que eles teriam a ver com a eletricidade!

Referindo-se aos primórdios da eletricidade em nosso país e do receio de muitos que fios e lâmpadas elétricas atraíssem os raios, o Engº Sebastião Pernteadado conta que mesmo oferecendo ligações gratuitas, era difícil convencer os primeiros consumidores das vantagens e segurança do serviço. Para os pequenos industriais as dificuldades eram ainda maiores, porque ninguém queria acreditar que um pequeno motor elétrico pudesse substituir um locomóvel a vapor. Como disse também o autor do livro “A Energia Elétrica no Brasil”, para a “expansão da energia elétrica no país foi preciso vencer a natureza e convencer os homens”.

Um nosso colega (evidentemente não eletricitista) disse-me certa vez gracejando que a “eletricidade era dez por cento técnica e noventa por cento bruxaria”. Para algumas pessoas, até hoje, a eletricidade continua sendo cem por cento bruxaria!

*O Engº Pedro Carlos da Silva Telles foi professor do Instituto Militar de Engenharia, membro da Academia Nacional de Engenharia, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e autor do livro “História da Engenharia no Brasil”, em dois volumes, de onde foi tirada a história acima.*

## NOTÍCIAS CURTAS

### Palestra do presidente da A<sup>3</sup>P

O presidente da A<sup>3</sup>P, professor Heloi Moreira, dando início a um ciclo de palestras idealizado pelo diretor técnico-cultural Eng<sup>o</sup> Israel Blajberg, proferiu no dia 10 de abril, na sede do Largo de São Francisco de Paula, uma palestra intitulada “O Legado da Escola Central à Politécnica”. Breve serão proferidas outras palestras dando continuidade ao ciclo.



**Professor Heloi ministrando palestra na A<sup>3</sup>P**

### Renúncia

Infelizmente o nosso diretor-1<sup>o</sup> tesoureiro Henri Uziel foi obrigado, por motivo de saúde, a renunciar em caráter irrevogável ao cargo que ocupava na Diretoria.

A Diretoria aceitou a renúncia, aprovando uma moção de agradecimento ao Eng<sup>o</sup> Henri Uziel pelos longos anos que esteve à frente da tesouraria da A<sup>3</sup>P, se dedicando de corpo e alma para manter a contabilidade da A<sup>3</sup>P em dia

### Eleições

Na Assembléia Geral Ordinária realizada no dia 27 de março, além de serem aprovados o Relatório e a Prestação de Contas da Diretoria, referentes ao exercício de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2013, com o parecer dos Conselhos Diretor e Fiscal, foi eleito também o terço do Conselho Diretor com o mandato para o triênio março2014/março2017. Os conselheiros eleitos foram: Aimone Camardella, Abilio Borges, Paulo José Poggi S. Pereira, Jacob Wainer e Wilhelm Brada, empossados logo em seguida.

### Almoços dos aniversariantes

Foram realizados os almoços mensais dos aniversariantes no restaurante da Seaerj – na rua do Russel n<sup>o</sup> 1. Esta iniciativa da diretoria social deverá ter prosseguimento ao longo deste ano sempre no mesmo local.



**Almoçando na SEAERJ**

---

### DIRETORIA (março 2012- março 2015)

Presidente: Heloi José Fernandes Moreira  
1<sup>o</sup> Vice-Presidente: Léo Fabiano Baur Reis  
2<sup>o</sup> Vice-Presidente: Ericksson Rocha e Almendra  
Diretor Administrativo: Eduardo Linhares Qualharini  
Vice-Diretor Administrativo: José Pines  
Diretor 1<sup>o</sup> Tesoureiro: Vago  
Diretor 2<sup>o</sup> Tesoureiro: Margarida Lima  
Diretor Técnico-Cultural: Israel Blajberg  
Vice-Diretor Técnico-Cultural: José Felício Haddad  
Diretor Social: Cleofas Paes de Santiago  
Vice-Diretor Social: Ary Jayme Ferreira

### CONSELHO DIRETOR

#### MESA DIRETORA (2014-2015)

Presidente: Aimone Camardella  
Vice-Presidente: Abílio Borges  
Secretário: Paulo José Poggi da Silva Pereira

### MEMBROS NATOS

Diretor da Escola Politécnica da UFRJ ; Presidente da FEBRAE;  
Presidente do Clube de Engenharia ; Presidente do CAEng da Escola Politécnica

### MEMBROS VITALÍCIOS

Presidente de Honra: Leizer Lerner  
Ex-Presidentes: Fernando Emmanuel Barata e Flavio Miguez de Mello  
Sócio Benemérito: Luciano Brandão Alves de Souza

### MEMBROS ELEITOS

Mandato até março de 2015: Paulo Roberto Paiva de Melo; José Couri Neto; Olavo Cabral Ramos Filho; William Paulo Maciel; Pedro Francisco Albuquerque Filho

Mandato até março de 2016: Paulo César Pinto; José Caetano dos Prazeres; Joaquim José de Mello Bastos; João Batista Gurgel Cabral; Dirceu Machado Olive

Mandato até março de 2017: Aimone Camardella; Paulo José Poggi da S.Pereira; Wilhelm Brada; Abilio Borges; Jacob Wainer

### CONSELHO FISCAL (2012-2015)

Bernardo Griner; Laura Corrêa de Sá Freire; José Ferreira Lima Filho

VISITE O NOSSO SITE: [www.a3p.poli.ufrj.br](http://www.a3p.poli.ufrj.br)

**A<sup>3</sup>P - BOLETIM OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA**

**Editado pela Diretoria - Distribuição Interna**

**Editadora: Bianca Almeida Mina**